

Resenha de *Anedotas de um árabe anglófilo* (2024). O *Fasl Abbasi* em Faisal Abbas

Marco Calil¹

Que fique claro de largada: não há erro no título. Ou melhor, se erro, é erro calculado, que carrega em si uma marca: “uma linha vermelha debaixo do próprio nome [...] que destaca”, como Abbas escreveu na epígrafe. Ao final desta resenha, o leitor capcioso compreenderá — o *i* deslocado, como o diacrítico *kasra*, esperando para se acomodar em seu lugar genitivo.

Publicado em 2024 pela Nomad Publishing, *Anedotas de um árabe anglófilo* [*Anecdotes of an Arab Anglophile*], de Faisal Abbas, jornalista e editor-chefe do *Arab News*, apresenta-se como uma coleção de *insights* interculturais, espirituosos e urbanos. No entanto, lê-lo é ouvir o chamado de uma tradição muito mais antiga, aquela ilustre tradição da qual “Abbas” é descendente em língua e, quem sabe, em sangue. Enquanto escrevo outro livro sobre literatura árabe medieval, encontrar *Anedotas de um árabe anglófilo* foi como ouvir uma melodia antiga em versão contemporânea. Em algum momento, o autor passa a usar o hífen em “Árabe-Anglófilo”, com a língua afiada de um literato, um hífen que corta o árabe do inglês, que acaba fazendo uma ponte no fim. Entre culturas e línguas, o corte é a distância de julgamento da pontuação. Lembro de *fasl*, não *faysal*, *fasl almaqal* de Averroes, o juiz, decisor, *faysal* também, nesse sentido. Isso exige ler Faisal de certo modo — uma leitura que, com meu repertório francófilo, evoca o *Signesponja*, de Jacques Derrida (1984), com a franca esponja para Francis Ponge, leitura essa que escuta o sentido dos nomes próprios. Daí o *fasl abbasi*, de Faisal Abbas.

Os letrados árabes clássicos — al-Jahiz com sua curiosidade enciclopédica, al-Hariri com seus episódios picarescos, Abu Nuwas com seus versos subversivos — eram todos *abbasi*, isto é, abássidas, não apenas por época, mas por *ethos*. A cultura deles era de humor em camadas (*hazl*), tal que anedotas (*khobar*) e a descrição dos povos (*akhbar al-umam*) serviam como veículos para a descrição da descrição, portanto, para o julgamento intelectual. Eles dominaram a arte do corte, do *faysal*: a separação decisiva (*fasl*) que distingue as coisas, isto daquilo, aqui daqui, ali, agora e de então. Essa é a arte do *adib* (literato, corte-são) de língua cortante, entre pena e espada, entre corte e corte: *fasl almaqal*, *maqal alfasl*. Para cada corte, um corte, como *li-kull maqal maqal*... Existem cortes de espada, de papel, de língua, com os quais se pode se machucar, de um único corte de espada, de mil cortes de papel ou do veneno de uma língua afiada...

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (COS) da PUC-SP, bolsista CNPq pelo projeto temático “Novas perspectivas de reflexão sobre a hipermídia e a produção de conhecimento nos processos comunicacionais”. E-mail: ra00326338@pucsp.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3273-9910>.

Esse é o corte *abbasi* que vejo cortando as páginas de Abbas. Seu humor, aquela delicada mistura de eufemismo britânico e *zarf* árabe, é antigo — é ouro. É ferramenta de diplomacia e dissecação. Ser julgador, nesse sentido refinado, é a marca do juiz, do árbitro. Ele observa a pantomima dos encontros interculturais e toma decisões incisivas. Cada anedota é um *maqal* (tratado, artigo) autônomo que realiza um *fasl* (separação decisiva), estabelecendo um efeito de diferença. Sua ironia é tão *latif* (sutil), tão *raif* (luz), que não machuca, mas divide. É o *Fasl al-Maqal* de Faisal dos tempos modernos; de fato, como observou Ed Husain, “Faisal Abbas é aquela raridade: [...] se houve um Lawrence da Arábia, agora é o Abbas da Anglosfera” (Abbas, 2024, contracapa).

Chega do *abbasi* do Abbas. Quanto ao *faysal* de Faisal, o próprio nome, da raiz *f-ṣ-l*, é a intensificação do corte: o decisor definitivo. Nesse livro, Faisal Abbas torna-se o *faysal*, o separador que se posiciona entre os mundos, julgando a distância, daí o “Arabo-Anglo” mencionado anteriormente. Sua anglofilia é o espaço crítico de seu *faṣṣāl* abássida, se me permitem usar um *wazn* extravagante. Ele não empunha uma espada, mas uma perspectiva, que é tão cortante — uma perspectiva que corta toda uma paisagem de (des)entendimento e (im)possibilidade entre mundos em contato e em choque.

Como disse, há algo de antigo nesse novo livro. Essa é a força e o segredo dele. De certo modo, esse livro parece, na forma de memórias jornalísticas, a crônica brasileira de uma tradição tão valiosa e vibrante à sua maneira quanto o humor mordaz de Machado de Assis (que era também anglófilo, aliás) ou Erico Veríssimo, e muitos outros cronistas nossos, todos *abbasi* em certo sentido. O livro de Abbas merece cruzar não só fronteiras culturais, mas também linguísticas.

Assim terminamos enfatizando meu *tala"ub* inicial: de *Faisal Abbas* passa-se para *Faysal al-Abbasi* e, finalmente, para *Fasl Abbasi* — a Decisividade de um *Abbásida*, Abbas o Abássida etc. etc. etc. Enquanto folheio gramáticas árabes para justificar meu argumento, o *i* move-se, do meio de um nome para o fim da *nisba*, como a faculdade de juízo de um letrado abássida se moveu séculos para chegar em Abbas, ou ao menos assim gostaria de crer. Pode-se dizer que o julgamento está de fato no corte. Escrever sobre *Fa(y)sal Abbas(i)* é detectar uma curiosa herança, mesmo que a impondo às *Anedotas* de Faisal, em uma família excessiva de semelhanças que é a história das Letras, tanto mais curiosa que a própria categoria “Literatura Abássida”. Coincidentemente, Faisal canaliza a tradição passada dos literatos cortesãos engenhosos — o *adib*, os *udaba* — rumo ao jornalismo global moderno, o que é tudo muito curioso, curioso mesmo...

Referências bibliográficas

Abbas, F. J. (2024). *Anecdotes of an Arab anglophile* (S. Sfeir et al., Trans.). Nomad Publishing.

Derrida, J. (1984). *Signéponge = Signsponge* (R. Rand, Trad.). Columbia University Press.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/xa2ag633>.